

O painel demonstra um excelente domínio da composição e da modelação da escultura. A imagem do *Agnus Dei*, a representação apocalíptica de Cristo, é envolvida por ramagens de onde saem folhas e frutos que preenchem todo o espaço da peça. C. A. Ferreira de Almeida encontra nestas formas vegetalistas uma inspiração moçárabe, cuja artesanaria tem grande tradição em Coimbra na época românica, e data a placa do Museu Nacional Machado de Castro do início do século XIII.

No que diz respeito à função deste painel, Manuel Real não tem qualquer dúvida em considerar que não se trata de um tímpano. Na face posterior, a peça apresenta um friso com sinais de ter estado encostada a duas outras, uma que lhe era perpendicular, e outra que assentava na parte superior. Coloca o autor a hipótese de este painel ter feito parte da vedação do batistério da Sé-Velha, argumentando esta proposta com base na ligação entre a representação do *Agnus Dei* e São João Batista e propondo uma datação do último quartel do século XII. No que diz respeito à função, é distinta a opinião de C. A. Ferreira de Almeida, considerando este autor que a placa pode corresponder à testeira de um túmulo, ao frontal de um altar-túmulo ou, simplesmente, a um frontal de um altar.

Muito embora em Portugal não se tenham conservados frontais de altar da época românica, eles constam da documentação e são frequentes nas coleções de museus como o Museu Nacional de Arte da Catalunha. Em metais preciosos, madeira policromada e com figuração, ou em pedra esculpida em relevo, os frontais enobreciam formal e simbolicamente o altar, centro por excelência da liturgia. A título de exemplo mencionamos o frontal de altar que integrava o altar-mor da catedral de Santiago de Compostela. O altar recebera em 1100 um cibório, em 1105 um frontal de prata dourada (*tabula*) e em 1135 um retábulo (*tabula retro altaris*), por vontade do Arcebispo Gelmirez. Deste conjunto, que desapareceu no século XVII, conserva-se um desenho da autoria de J. Vega y Verdugo, realizado cerca de 1606, e a sua descrição na *Historia Compostellana*. Estes elementos permitiram a Serafín Moralejo e a Justin Kroesen proporem uma reconstituição hipotética em 1980 e em 2009, respectivamente. No frontal estava representado Cristo em Majestade rodeado pelo tetramorfo e pelos vinte e quatro velhos do Apocalipse. Lateralmente a esta representação central dispunham-se as imagens dos doze apóstolos. No retábulo, uma peça horizontal cujo centro terminava superiormente em secção triangular, figurava Cristo em Majestade flanqueado pelos apóstolos.

Acresce ainda referir que o *Agnus Dei* é o mais glosado entre os temas teofânicos do românico português, sobretudo

na área de Braga. Segundo C. A. Ferreira de Almeida, em nenhuma parte da Europa aparece tão densamente.

Texto: LCR - Fotos: JNG

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 163 e 151; PMH, DC, doc. n.º 677 (de 1087, março, 15); REAL, M.L., 1974, pp. 162-166; ROSAS, L.M.C., 2015a, pp. 217-218.

SINETE (O 733)

Este sinete (10822 O 733), guardado nas reservas do MNMC, constitui um exemplar de grande interesse no âmbito dos estudos da Sigilografia. A peça foi encontrada em 1992 (3 de janeiro), em contexto arqueológico, durante as escavações no Criptopórtico do mesmo espaço museológico. A descoberta ocorreu numa camada de entulho com cronologia de depósito dos séculos XVI / XVII, mas com materiais residuais anteriores, do período medieval. Junto deste objeto encontrou-se também o Anel conservado no mesmo museu (10821, O 732), de ouro e aro liso (d. 2,2 cm e 1,5g), de perfil convexo e incisões decorativas.

A peça foi identificada como sendo de ouro (a. 2,2 cm; l. 0,8 cm; peso 9,2 g), o que a convertia, à data da descoberta, segundo Saúl António Gomes, na única matriz sigilar áurea de suspensão de origem medieval, conhecida em território português. O autor considerou-a, por isso, estrangeira e peça muito rara. Avelino Jesus da Costa refere igualmente a raridade dos selos em ouro maciço (*bulas áureas*), tal como os de prata dourada, que pelo seu elevado custo eram empregues sobretudo nos documentos mais solenes. No amplo estudo que Luís Gonzaga de Távora dedicou a estes objetos, o autor refere, entre as matrizes sumptuárias portuguesas, alguns anéis de prata, sobretudo prelatícios, e matrizes sigilares de suspensão (as mais vulgares em Portugal), cinzeladas em prata ou bronze, com vestígios de douradura. Acrescenta ainda que atendendo à natureza do uso e à maleabilidade do ouro e da prata, estes não eram os metais mais apropriados, para o efeito, sendo usados preferencialmente o cobre e a liga de bronze, metais resistentes, duráveis, fáceis de trabalhar e que podiam ser nobilitados através do douramento. Com efeito, uma observação detalhada ao objeto revelou a existência de ligeiras ausências de douradura e minúsculos pontos de oxidação de cor verde, o que fazia apontar para uma liga de cobre. A análise laboratorial pela técnica de Fluorescência de raios-X (XRF), levada a cabo no Centro de Física (CFisUC) e no de UI&D Química Física Molecular da Universidade de Coimbra,

realizada por Francisco Gil, confirmou que se trata de uma peça de latão, com uma liga constituída maioritariamente por cobre (em maior percentagem) e zinco.

O cunho resulta de um trabalho de fundição a partir de moldes, ofício realizado pelos então designados "abridores de cunhos", hábeis artesãos recrutados entre mestres e oficiais ourives. É constituído pela base de superfície plana da matriz propriamente dita, com a parte inferior ajustável à pega anelada com argola na extremidade, para suspensão. Destinava-se, assim, a ser usada como pendente de colar ou cinturão, podendo ser utilizada sempre que necessário. Os motivos do selo foram gravados a buril, formando o negativo (que gerava o positivo durante a impressão na cera ou chumbo), tendo sido posteriormente dourado.

A forma da base é hexagonal, característica pouco comum entre os exemplares conhecidos em Portugal. Esta organização enquadra-se, no entanto, entre as linhas formais ditas góticas, que se impõem sobretudo a partir do século XIII. Os motivos iconográficos são também pouco comuns no universo português. A parte central ou *campo* da matriz é dominada por uma ave (um corvídeo segundo Saul António Gomes), de bico comprido e asas abertas, sobrepujada por uma estrelas de seis raios e inferiormente por um elemento de difícil identificação, próximo de um tronco humano, que aparenta ser um laudel ou corpo de armadura. A natureza emblemática dos motivos não nos permite compreender a sua origem e respetiva relação com o proprietário, mas o recurso a estrelas foi frequente nos selos de tipo emblemático heráldico, de família ou pessoal, mas também religioso, nomeadamente de temática mariana. A bordadura é preenchida pela legenda em latim e unciais maiúsculas, de difícil interpretação, iniciada por uma cruz potenciada, transcrita e desdobrada por Saúl António Gomes de duas maneiras:

+ S. G. R.EGAE RECII - + S(e)GR(etum) EGAE RECII, ou seja, selo do segredo de Egas Récio;

+ S. G. D.EGAE RECII - + S(i)G(illum) D(omini) EGAE RECII, quer dizer, "Selo de D. Egas Récio".

Apesar do autor se inclinar mais para a primeira hipótese, certo é que não é possível identificar o seu utente, inclinando-se Saúl António Gomes para uma figura eclesiástica e de origem forânea. O historiador enquadrava no período compreendido entre os finais do século XII e o terceiro quartel do XIII. Segundo Távora, as legendas esfragísticas começam pela letra S, de *Sigillum*, e é corrente o D (de Dom), regressar à raiz latina *Domini*.

À semelhança de outras peças desta tipologia, este sinete não pode ser datado com precisão. A tratar-se, de facto, de caracteres unciais maiúsculos, o objeto pode ser dos séculos XIII - XIV, uma vez que os caracteres góticos



Sinete (O 733)

minúsculos tendem a impor-se a partir do final de trezentos. A morfologia hexagonal da base também aponta nesse sentido, mas o facto de ser rara em Portugal, impossibilita uma análise comparativa com outros exemplares. A iconografia é, também, pouco esclarecedora e as circunstâncias do seu achado, apesar de ter sido em contexto arqueológico, não permitem, no atual estado de conhecimento, avançar muito mais na sua história. Certamente de uso pessoal e tendo muito provavelmente pertencido a um prelado, a descoberta desta peça veio engrossar o número de sinetes ducentistas, a época áurea da esfragística, período em que o selo se difundiu como principal marca de validação e na qual se aprimorou a técnica da gravação das matrizes.

Texto: ACS - Fotos: JNC

Bibliografia

COSTA, A.J., 1985, pp. 563-564; IPM, 2003b, pp. 106 e 115; TÁVORA, L.G.L., 1983, p. 29.